



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA-UEPB CENTRO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E AGRÁRIAS-CCHA DEPARTAMENTO DE LETRAS E
HUMANIDADES-DLH CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

FRANCISCA JANAIRES DA SILVA OLIVEIRA

**O USO DA TIRINHA ENQUANTO RECURSO DIDÁTICO PARA A FORMAÇÃO DE
LEITORES**

**CATOLÉ DO ROCHA/PB
2016**

FRANCISCA JANAIRES DA SILVA OLIVEIRA

**O USO DA TIRINHA ENQUANTO RECURSO DIDÁTICO PARA A FORMAÇÃO
LEITORA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades- CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Msc. José Marcos Rosendo de Souza

**CATOLÉ DO ROCHA
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48u Oliveira, Francisca Janaires da Silva
O uso da tirinha enquanto recurso didático para a formação de leitores [manuscrito] / Francisca Janaires da Silva Oliveira. - 2016.
24 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2016.

"Orientação: Prof. Me. José Marcos Rosendo de Souza,
Departamento de Letras e humanidades".

1. Gêneros textuais. 2. Tirinhas. 3. Formação leitora. I. Título.
21. ed. CDD 372.41

**O USO DA TIRINHA ENQUANTO RECURSO DIDÁTICO PARA A FORMAÇÃO
LEITORA**

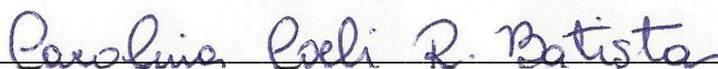
FRANCISCA JANAIRES DA SILVA OLIVEIRA

APROVADO EM: 19 de maio de 2016.



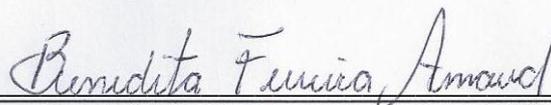
Prof^a. Me. José Marcos Rosendo de Souza

Orientador - UEPB/CAMPUS IV



Prof^a. Dr^a. Carolina Coeli Rodrigues Batista

Examinadora - UEPB/CAMPUS IV



Prof.Me. Benedita Ferreira Arnaud

Examinadora – UEPB/CAMPUS IV

RESUMO

O trabalho com os gêneros textuais na sala de aula tem se tornado uma discussão necessária nas aulas de língua portuguesa. Sob este cumpre ressaltar que as tirinhas assumem-se como recurso didático para fomentar a formação leitora. Esse trabalho de cunho bibliográfico tem por objetivo analisar as contribuições do uso das tirinhas como ferramenta facilitadora do processo de leitura e compreensão de questões pertinentes a realidade na qual se insere o educando. Considerando que as tirinhas podem ser usadas como diferentes estratégias de leitura para a inserção desta prática em sala de aula, O presente trabalho foi estruturado em tópicos que possibilitam o leitor a refletir acerca das possibilidades que as leituras possuem ao favorecer alicerces teóricos para o entendimento do processo da linguagem oral e escrita. Para tanto foram utilizados autores como Bakhtin(2002), Marcushi (2002), Koch & Elias (2006) entre outros que nortearam as discussões traçadas ao longo do trabalho. Assim, entendemos que as tirinhas quando utilizadas em sala de aula podem nortear a prática leitora enquanto desenvolvem a capacidade intelectual crítica e reflexiva dos educandos.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Tirinhas. Formação leitora.

ABSTRACT

Working with text genres in the classroom has become a necessary discussion in the Portuguese language classes. From this it should be noted that the strips are assumed as a teaching resource to foster the training reader. This work aims to analyze the contributions of the use of comic strips like tool facilitating the process of reading and understanding of the problems and understanding of the social, political and economic society. Whereas the strips can be used as different reading strategies for the inclusion of this practice in the classroom. This work was organized into topics that enable the reader to reflect on the possibilities that the readings have to favor theoretical foundation for the understanding of the oral and written language process. Therefore, we used authors as Bakhtin (2002), Marcushi (2002), Koch & Elias (2006) among others that guided discussions traced throughout the work. Thus, we understand that the strips when used in the classroom can guide the reader practice while developing critical intellectual capacity and reflective of the students.

Keywords: Text genres. Comic strips. Training reader.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
1 FORMAÇÃO LEITORA:PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	07
1.1 Concepções e ensino deLeitura.....	07
2 O GÊNEROTEXTUALTIRINHA.....	13
2.1 Definição do gêneroTirinha.....	13
3 ASTIRINHASCOMORECURSODIDÁTICOPARAOPROCESSODEFOR MAÇÃODELEITORES.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21

INTRODUÇÃO

O trabalho com os gêneros textuais na sala de aula tem se tornado preocupação por parte dos professores da língua portuguesa, pois a cada dia torna-se necessário que se amplie a prática leitora dentro e fora do espaço escolar, haja vista que a leitura é imprescindível para o desenvolvimento integral do indivíduo.

O ser humano possui habilidades sociais inerentes a sua condição humana. Entretanto, tais habilidades precisam ser trabalhadas e aperfeiçoadas mediante o processo de ensino/aprendizagem.

A escola enquanto instituição de formação deve encontrar alternativas de inserção da prática leitora para que o educando possa ressignificar sua concepção de leitura enquanto fator fundamental para o seu desenvolvimento.

Sendo assim, além de outros, cumpre ressaltar as tirinhas como estratégia dática que tornará mais atrativa a leitura para o educando visto que essas, muitas vezes, já fazem parte do seu cotidiano uma vez que ao adentrar no ambiente formal este já tem conhecimento deste gênero por meio das práticas sociais e das novas tecnologias de informação e comunicação.

Como recurso didático para a formação leitora as tirinhas se configuram como alternativa que possibilita ao educando interpretar, inferir, conceituar e ler textos e contextos dentro de uma realidade aproximada com o meio no qual esse se insere, já que as tirinhas possuem semelhanças com a linguagem utilizada por esse sujeito no seu cotidiano frente as suas relações sociais.

Mediante o presente trabalho intitulado “Concepções sobre o uso da tirinha enquanto recurso didático para formação leitora”, tem por objetivo analisar as contribuições do uso das tirinhas como ferramenta facilitadora do processo de leitura e compreensão dos problemas e do entendimento da realidade na qual o aluno está inserido.

Considerando que as tirinhas provocam diferentes estratégias de leitura e provoca o educando a pensar criticamente, o presente trabalho foi estruturado em tópicos que puderam levar o leitor a refletir acerca das possibilidades as quais as leituras possuem ao favorecer alicerces teóricos para o entendimento do processo da linguagem oral e escrita. Para tanto foram consultados autores como Bakhtin(2002), Marcushi (2002), Koch & Elias (2006) entre outros que

serviram de base para as discussões traçadas ao longo do trabalho cujo enfoque está estruturado em três tópicos centrais;

O 1º tópico abordará a importância dos pressupostos teóricos para a formação leitora; o 2º versará sobre o gênero textual tirinha e o 3º tópico será uma exposição sobre a relevância das tirinhas como recurso didático para o processo de formação de leitores.

1 FORMAÇÃO LEITORA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 Concepções e ensino de Leitura

É na leitura que o ser humano entra em contato com um mundo novo e aberto a várias possibilidades de realização. A leitura deve ser um hábito criado desde a mais tenra idade, nos lares e posteriormente nas escolas, a fim de induzir o indivíduo à criticidade e posteriormente capaz de interpretar diversas situações dispostas em sociedade.

A concepção de leitura passa a decodificação da linguagem verbal escrita, haja vista, que o homem enquanto ser social está em contato direto com as práticas sociais da leitura. Sob este aspecto, ler é dar sentido ao texto, relacionando-o com as experiências prévias do leitor. Vieira *ET al.* (1997, p.28-29) afirmam que:

Para que a leitura faça sentido em nossas vidas para além dos muros e obrigações escolares, precisamos trabalhar com a variedade de textos que circulam na sociedade, com materiais de qualidade, estabelecendo uma diversidade de objetivos, e modalidades de leitura (diversão, informação, estudo, resolução de problemas, etc.)

Sabe-se que a leitura é viés de sintonia com o mundo e campo aberto ao conhecimento, porque é incontestável que ao construir seu discurso, seja oral ou escrito, o homem se apropria dos códigos lingüísticos numa constante interação com as práticas sociais da leitura, as quais vão além do contexto escolar, pois envolve a apropriação das variáveis lingüísticas.

Deste modo, conforme Koch & Elias (2006) enquanto leitor o sujeito deve estar ciente de que a leitura vai além da decodificação suprimindo necessidades e visando objetivos distintos para cada indivíduo, uma vez que esta se faz

mediante conhecimento e experiências individuais advindas ao longo da vida. Claramente isso será alcançado a partir das práticas de leituras em sala de aula, as quais deve-se fazer uso da interação texto-leitor, porque é inegável, que muitas vezes, o sujeito só lê o que é necessário para ele naquele momento específico.

Surge daí a necessidade do dinamismo da leitura, pois o aluno se relacionará melhor com o texto, se esse lhe for significativo e atender a uma necessidade intrínseca mediante seu conhecimento pessoal e contato com o mundo letrado.

O ato de ler representa uma atividade rica em conhecimentos. No entanto, é complexa pois toda leitura envolve um projeto de compreensão e um processo de interpretação. A leitura é uma maneira de se adquirir novos conhecimentos do saber elaborado e também uma forma de interação social com o mundo que nos cerca, o que significa dizer que ao se colocar em prática o ato de ler, amplia-se horizontes e se adquire novos conhecimentos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs (Brasil, 1998, p.69):

A leitura é o processo pelo qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre linguagem, etc [...] Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência [...].

Assim, torna-se relevante o entendimento escolar do que seja leitura, pois, certas práticas escolarizadas denotam que ler é decodificar, distanciando o leitor do aprender a ler. É preciso trazer a concepção de sujeito leitor letrado, que letrados são todos os sujeitos capazes de fazer uma leitura de mundo, não necessitando da escrita formal, haja vista que se insere nas práticas sociais de leitura. Todavia, justifica-se, a discussão que em relação aos processos de leitura e escrita, como atividades sociais, em que o sujeito precisasse tornar“ letrado”e não só alfabetizado, para agir socialmente. De acordo comRojo(2001,p.2):

[...] ser letrado e ler na vida e na cidadania é muito mais que isso: é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela. Mais que isso, as práticas de leitura na vida são muito variadas e dependentes de contexto, cada um deles exigindo certas capacidades leitoras e não outras.

Através da leitura, o homem constrói e reconstrói conceitos e entra no mundo fantástico das descobertas que só a leitura proporciona. Em outras palavras “a leitura, como o andar, só pode ser denominada depois de um longo processo de crescimento e aprendizado.” (BACHA, 1975, p.39).

Existem diversas opções de leitura as quais podem ser trabalhadas em sala de aula. Porém, vale ressaltar que muitos educandos ainda não reconheceram seu valor e demonstram falta de interesse em praticá-la. Diante desta realidade é importante o entendimento de que através da leitura se adquire os demais conhecimentos.

Antunes (2009, p.196) ao se referir à leitura destaca que ela “exerce o grande papel de favorecer a ampliação e o aprofundamento de nossos conhecimentos e competências para a observação, a análise, a reflexão acerca das certezas ou das hipóteses que vamos construindo.”

Neste sentido, entende-se a importância da leitura na formação do indivíduo; ela permite ao sujeito contato com um mundo desconhecido, levando-o a despertar seu senso crítico-interpretativo da realidade ao qual está inserido, haja vista que não se formam cidadãos críticos e conscientes sem ensiná-los a ler primeiro o ambiente que o cerca, e posteriormente, sinais gráficos.

Segundo Freire (1996), antes de ensinar uma pessoa a ler palavras, é preciso ensiná-las a ler o mundo, ou seja, conduzi-la a compreender o significado de ações e comportamento dos membros de sua comunidade, compreendendo o seu papel como cidadão.

Na contemporaneidade devido às inúmeras inovações tecnológicas, mudanças e modernização, o educando é cercado e bombardeado constantemente por informações que levam a ter uma rapidez em seus pensamentos e dispersão para determinadas temáticas. Infelizmente a escola não consegue acompanhar essa aceleração, onde, apesar de tantos discursos inovadores, o ensino da leitura na escola ainda tem caráter tradicional, com

aulas expositivas voltadas para o contexto gramatical, deixando a desejar na inserção da leitura enquanto prática educativa.

Desenvolver a leitura e a escrita corresponde um processo complexo. Um desafio que mexe com emocional e com as habilidades cognitivas do indivíduo, uma vez que esse precisa se esforçar para compreender este mundo que pode ser novo para ele. É entendido assim que é necessário o sujeito estar motivado para aprendê-los de maneira eficiente. Esse fato exige a criatividade por parte do docente, que se torna um fator importante para tornar esse processo significativo.

Sob esta ótica, é incumbência da escola a organização e sistematização do ensino para a formação de alunos praticantes da língua no sentido mais amplo, isto é, saber utilizar a linguagem oral e escrita nas diversas situações comunicativas. Para tanto, o espaço escolar precisa intercalar dois ambientes/momentos: “o de estudos programados (sala de aula, bibliotecas para pesquisa, etc.) e o de atividades livres (sala de leitura, recanto de invenções, oficina da palavra, laboratório de criatividade, espaço de experimentação, etc.).” (COELHO, 2000, p. 17). Em outras palavras: explorar as linguagens verbais, musicais, dramáticas e plásticas, emergir o discente no universo da leitura e escrita, tendo como instrumento do livro ao computador.

Contudo, para que esse segmento tenha rendimento, frutifique, há um componente indispensável: o professor, que desponta como mediador, para facilitar o diálogo entre o aluno/leitor e o objeto/texto, propiciando a este sujeito, melhores estratégias de compreensão e uma relação efetiva com o saber e com a cultura.

O ensinar a ler requer um embasamento teórico-metodológico, uma abordagem além dos processos de estímulo-resposta. Assumir a complexidade da leitura, interpretação e escrita, configura-se como pontapé inicial para se pensar num ambiente dinâmico e inovador, um convite para que o educando desenvolva suas competências lingüísticas e aprimore sua oralidade.

Dentre as concepções de leitura mensuradas por Koch & Elias (2006, p. 9-12) a leitura deve se pautar principalmente na relação autor-texto-leitor e explicita cada uma delas como uma etapa a ser galgada pelo educando que vai da leitura como um processo de captação de ideias ampliando-se para o entendimento do código, das relações interpessoais dos sujeitos, haja

vista que através da língua ocorre a interação entre texto e sujeito.

O lugar mesmo de interação [...] é o texto cujo sentido 'não está lá' mas é construído, considerando-se, para tanto, as 'sinalizações' textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor, que, durante todo o processo de leitura, deve assumir uma atitude 'responsiva ativa' [...] (KOCH; ELIAS, 2007, p.12).

É fato que o entendimento do texto pode se dar mediante o conhecimento prévio do leitor com o produto a que tem acesso e do meio ao qual se insere que viabiliza as vias para que esse saber aconteça, já que o homem enquanto ser social traz mediante seu ambiente natural um acultramento gradual que é ampliado através da intertextualidade. Neste sentido, cada leitor, em contato com o texto reconstruirá um sentido de acordo com as exigências da situação. Os conhecimentos de cada um são produzidos a partir de suas experiências e de toda gama de informações recebidas em situações diversas de comunicação.

Partindo desses pressupostos, a leitura pode ser considerada como “uma prática social que remete a outros textos e outras leituras” (KLEIMAN, 1993, p. 10). Em outros termos o homem é um ser dotado de experiências e conhecimentos prévios que lhe permite imergir no mundo leitor fazendo as necessárias inferências para o real entendimento do texto e do contexto de que trata o mesmo

Com base nas discussões traçadas anteriormente, percebe-se que a leitura deve ser compreendida como um processo e não como um mero produto da aprendizagem (NUNES, 2002), uma vez que o texto “não receber de maneira passiva” (KLEIMAN, 2004, p.36), já que ele, fazendo uso do seu conhecimento prévio interage com a informação contida no texto para tentar compreendê-la.

Assim sendo, Soares (2000, p. 18) afirma que:

Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social suas relações com o mundo e com os outros.

Contudo pode-se dizer que a leitura corresponde a um processo dinâmico, resultante das informações contidas no texto e do conhecimento

interiorizado no leitor, oportunizando a construção do sentido, ou seja, a compreensão do texto.

Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNS, arrolam um dos objetivos gerais de língua portuguesa para o ensino fundamental: “Compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz.” (BRASIL, 1998, p. 141).

Sob esta ótica, é incumbência da escola a organização e sistematização do ensino para a formação de alunos praticantes da língua no sentido mais amplo, isto é, saber utilizar a linguagem oral e escrita nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas práticas de leituras.

Salienta-se que a escola enquanto formadora de leitores deve inserir o texto desde a mais tenra idade onde o mesmo seja trabalhado de forma lúdica levando o aluno a apaixonar-se pela leitura, viajar no mundo da imaginação, lançando sementes de desafio que os leve a adentrar permanentemente na leitura, fazendo dela um hábito.

É fato, porém que em muitos ambientes escolares a leitura se dá de forma mecanizada e tradicional já que muitos textos trazidos pelo livro didático não condizem com a realidade do educando e o professor não dá vida ao texto, realizando muitas vezes apenas a velha e cansativa leitura silenciosa. Cabe ressaltar que atualmente, com a massificação da escola, as salas de aula são compostas por alunos de diferentes camadas sociais, que por sua vez, apresentam uma série de variedades lingüísticas que precisam ser trabalhadas pelo professor.

Essa diversidade no âmbito escolar exige metodologias que colaborem para formação do sujeito aluno, despertando nele o interesse em participar ativamente do processo de ensino e aprendizagem no qual se insere a prática da leitura. O que somente ocorrerá se a leitura fizer sentido para ele porque a leitura de frases descontextualizadas do texto, ainda é frequente na prática de muitos educadores.

20 GÊNERO TEXTUAL TIRINHA

2.1 Definição do gênero Tirinha

Como ser social o homem está em contato direto e indireto com os diferentes gêneros textuais já que esses são elementos inerentes aos processos de comunicação oral e escrita. Bazerman (2005, p.106) expõe que “cada pessoa, através da comunicação por gêneros textuais, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando”.

Ao colocar em prática sua habilidade comunicativa o homem se utiliza tanto da tipologia quanto do gênero textual. A tipologia textual está relacionada com a forma como um texto apresenta-se e é caracterizada pela presença de certos traços linguísticos predominantes. O gênero textual exerce funções sociais específicas, que são pressentidas e vivenciadas pelos usuários da língua. Tipologia nas palavras de Marcuschi(2002,p.22) pode ser descrita como:

[...] uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

Os gêneros textuais fazem parte da sociedade e da vida do homem que os utilizam amplamente em situações formais e informais nas práticas sociais da linguagem. A compreensão de gêneros tem acontecido para examinar diversos textos produzidos nas mais diferentes situações e comunidades, organizando-os de forma que obedeçam a uma tipologia geral, pelas particularidades e pelas diferenças que mantêm entre si.

De acordo com a concepção de gênero discursivo, apresentada por Bakhtin (1999), a linguagem é um fenômeno no social, histórico e ideológico. Nessa perspectiva, o autor define os gêneros do discurso como formas estáveis de enunciados elaborados de acordo com as condições específicas de cada campo da comunicação verbal. Essa definição remete à situação sócio-histórica de interação que envolve o tempo, o espaço, os participantes, a finalidade discursiva e o suporte midiológico. Assim, cada campo produz seus próprios gêneros.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKHTIN, 2002, p. 261).

Conforme o autor, o discurso permanece em forma de enunciados, considerados unidades concretas e reais de comunicação discursiva. Comunicação, na sua concepção, não se limita a “processos ativos de discurso do falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte” (BAKHTIN, p. 271). O interlocutor assume diante do enunciado uma ação responsiva: ao compreender o significado do discurso concorda ou discorda, completa-o entre outros, essa resposta pode ser dada por enunciados, ações ou até pelo próprio silêncio.

Os tipos textuais são limitados pela quantidade determinada que apresentam; os gêneros são incontáveis, haja vista que a comunicação é ilimitada, configurando-se como necessidade premente ao homem desde o nascimento. De modo que este procura sempre meios de ampliação desta comunicação; seja o envio de uma carta, bastante utilizada antigamente; e, posteriormente, com a inovação tecnológica, o telegrama para que o tempo de espera de uma notícia fosse reduzido; chegando aos tempos pós modernos dos telefones e mensagens instantâneas, sem falar nas redes sociais e no tipo de linguagem utilizada por milhões de usuários.

Diante da variedade de gêneros textuais existentes é importante ressaltar a relevância de se trabalhá-los em sala de aula para que o educando desenvolva habilidades linguísticas importantes para sua aprendizagem. Desta forma, o domínio dos diversos gêneros textuais pode fazer com que o aluno ocupe de forma mais consciente os diferentes lugares a partir dos quais pode falar e escrever, podendo agir com a linguagem de forma mais consciente. Bakhtin deixa clara a importância de que é necessário dominar bem os gêneros para que eles possam ser empregados livremente quando diz que:

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2003, p.

285).

Neste sentido, as tirinhas se configuram um tipo de gênero textual que apresentam diversas possibilidades de serem trabalhadas em sala de aula pela forma como são representadas. As tirinhas representam as cenas de maneira estática por meio de imagens, textos, ações, emoções, gestos, falas e entonações; para a produção de todos estes efeitos de sentido o autor se utiliza de recursos visuais, como a fonte, as cores e os traços que marcam tempo e movimento.

Convém, portanto, que a inserção da leitura no cotidiano do aluno parta da utilização dos diferentes gêneros textuais, analisando-os de forma ampla para além dos aspectos estruturais e formais. O excerto acima pode ser enfatizado por Marcuschi *apud* Dionísio (2002, p.41) quando expõe que:

O gênero é fundamental na escola. É ele que é utilizado como meio de articulação entre práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente, no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos. No afã de favorecer a aprendizagem da escrita de textos, a escola restringe seus ensinamentos aos aspectos estruturais ou formais dos textos. É justamente essa desconsideração de aspectos comunicativos e interacionais que contribui para que os alunos e professores se preocupem mais com a forma do texto do que com sua função e, conseqüentemente, o texto seja visto como formulário preenchido (para leitura) ou a preencher (para escrita).

Cada gênero textual tem características individuais que fazem deles excelentes recursos para a inserção do aluno no fantástico mundo da leitura. Dentre os gêneros que podem servir de recursos metodológicos para os educadores estão os poemas, as receitas, os rótulos, as histórias em quadrinhos e as tirinhas que utilizadas adequadamente facilitam a inserção da leitura entre as práticas leitoras do aluno.

Corroborando com o exposto, Santos (2009, p. 5) pontua que:

[...] as tirinhas são narrativas nas quais são utilizados textos curtos em forma de diálogos, apresentando figuras, cujas “falas” estão inseridas em balões, onde vários temas podem ser abordados. Trata-se de uma linguagem baseada na oralidade, em que a fala cotidiana do povo merece atenção especial de análise [...].

As tirinhas tornaram-se atração de jornais e revistas, com uma linguagem própria e inovações modernas que ganham mais espaço no mundo

globalizado e na era digital, em filmes e games ganhando a atenção de leitores de diferentes faixas etárias.

Ao descobrirem o interesse da população por este tipo de leitura, os jornalistas passaram a utilizar as tirinhas por causa do reduzido espaço dos jornais, bem como devido à popularidade dos personagens que chamavam a atenção dos leitores dos referidos folhetins.

A assertiva acima pode ser comprovada por Patati e Braga (2006, p.45) quando enfatizam que “astirinhas de humor tinham liberdade crítica sobre os costumes e a moral muito mais que outros gêneros, pois se tratava de uma forma de expressão inédita e inesperada, com características próprias”.

As tirinhas não só trazem informações indispensáveis aos leitores e grandes consumidores desse estilo de literatura, mas oferecem divertimento e curiosidade a cada passo. Tem-se em vista a criatividade sempre renovada dos seus autores, em que se faz o enriquecimento do estilo, explorando-se uma linguagem compatível com a temática. Com relação à estruturadas tirinhas (Koch, Elias, 2006, p.109-110) informam que:

[...] a tirinha se estrutura em enunciados curtos, constituídos em balões, para representar a “fala” de personagens, destacando-se nessa composição o imbricamento entre verbal e não verbal [...] o conteúdo esperado é a crítica bem-humorada a coisas do mundo, modos de comportamento, valores, sentimentos [...] na tirinha, apesar da escassez do espaço que exige do autor uma produção breve, há forte expressão do trabalho do autor marcada geralmente, por maior grau de informalidade [...].

De acordo com a habilidade dos autores podem ser explorados por meio das tirinhas assuntos como política, religião, futebol e outros assuntos podem ser adaptados e montados em quadrinhos, que formam a estrutura das tirinhas. Esses conteúdos não estão livres de serem explorados pela ficção, em que o diálogo pode avançar na direção do humor, em que o texto dialógico e interativo passa a ser valorizado com conteúdo crítico bem mais sutil.

3 AS TIRINHAS COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES

Na sociedade contemporânea, o ato de ler não é tão valorizado conforme deveria. No entanto, nota-se que existe um movimento que busca dar à leitura a notoriedade que ela merece, aperfeiçoando as habilidades leitoras do sujeito-leitor, mas que sofre intercepções com a instabilidade da política educacional do país. Isso fica claro como pensamento de Lajolo e Zilbermam (1996, p.311):

[...] ao espessamento das práticas brasileiras de leitura, ainda que intermitente e cheio de recuos, corresponde um – igualmente intermitente e cheio de recuos – amadurecimento do leitor que, na inevitável interação com os múltiplos elementos de práticas mais complexas de leitura, rompe restrições, libera-se da tutela, enfim, alcança a emancipação possível.

Os professores precisam fazer com que os alunos compreendam que a leitura, antes de qualquer coisa, deve ser vista como veículo de aprimoramento da própria formação, para que o sujeito-leitor seja um cidadão consciente de seu papel no mundo em que vive.

Sabe-se também que o professor precisa estar munido por uma arma imbatível denominada capacidade de comunicar-se. É a leitura neste contexto constitui-se num elemento que potencializa essa capacidade, para que o professor se comunique através de uma linguagem adequada ao seu interlocutor, o aluno. Esse, por sua vez, imbuído do prazer pela leitura terá como retorno, a aptidão para comunicar-se e condição para expandir-se através da linguagem escrita e oral.

A educação sempre se caracterizou pela utilização de meios ou instrumentos de apoio aos professores no processo de interação com os alunos. Assim, como enfatiza Belloni (2009, p.54), “a sala de aula pode ser considerada uma tecnologiada da mesma forma que o quadro negro, o giz, o livro”. Para os Parâmetros Curriculares para o Ensino Fundamental (1998, p.63) “a ação educacional, por ser contextualizada, é sempre passível de transformações”. Por isso as escolas devem adaptar-se as novas alternativas de ensino que resultam da evolução do conhecimento técnico-científico e são, portanto, fundamentais para a construção da aprendizagem.

Pierre Furter (1992, p.82) *apud* Oliveira (1997, p.112) enfatiza que:

[...] todos nós temos de sempre aperfeiçoar a nossa profissão. No mundo

como o nosso, em que progredem ciências e suas aplicações tecnológicas, cada dia mais, não se pode admitir que o homem se satisfaça durante toda a vida com o que aprendeu durante em poucos anos, numa época em que estava profundamente imaturo. Deve informar-se, documentar-se, aperfeiçoar a sua destreza, de maneiras a se tornar mestre da sua práxis. O domínio da uma profissão não exclui o seu aperfeiçoamento. Ao contrário, será sempre mestre quem continuar aprendendo.

O autor ainda coloca que “se o ser humano pode formar e educar educará melhor se contar com recursos que passem de maneira segura e atraente as informações disponíveis”, (p. 68). De modo que as tirinhas se tornam aliadas do professor por sua síntese e conteúdo relevante para o leitor em formação, uma vez que representa o cotidiano através de textos curtos, cheio de imagens e onomatopeias, recursos visuais importantes para dar efeito de sentido as tirinhas. Conforme a tirinha a seguir:



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

É perceptível que a tirinha acima usa como recurso comunicativo a linguagem não verbal, o que permite ao leitor em formação construir a interpretação individualmente. As tirinhas facilitam oportunidades de releitura pela ludicidade que as caracteriza, e porque não há dificuldade de qualquer trecho ser localizado. Isso representa uma das condições essenciais a serem usadas pelos que gostam desse tipo de leitura e afazer com que outros passe a também ter interesse. Para Marcuschiapud Dionísio (2005), as tiras são um subtipo de história em quadrinho, porém mais curtas, sintéticas, podendo ser sequenciais ou fechadas. As temáticas das tirinhas variam: algumas satirizam aspectos econômicos e políticos do país e outras, mas, sobretudo, divertem públicos de todas as idades. Podemos evidenciar isso na tirinha a seguir, pois a mesma traz em si tanto o aspecto de sua característica enquanto gênero, sendo um subtipo de história; e também a caráter crítico.



O essencial é que o educador perceba os nuances que podem ser enfocados pela utilização das tirinhas como recurso didático, interpretadas desde as cores até o texto escrito nas aulas de artes, matemática, geografia, história e principalmente língua portuguesa; além de recurso para a inserção da criança no mundo leitor, tornando-a ativamente consciente do seu papel social enquanto cidadã, pois é fato que o bom leitor é bom em todas as disciplinas, pois é pelo entendimento do texto que se faz a interpretação das questões inferidas e inseridas no contexto.

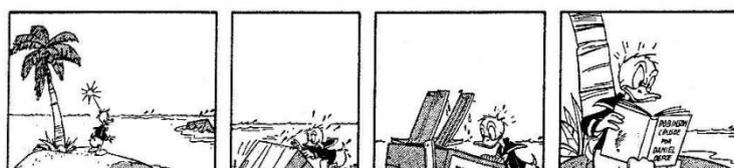
Na tirinha abaixo estão disponíveis recursos interpretativos a serem analisados como a entonação da voz, a locomoção dos personagens, expressão facial e o diálogo presente entre os personagens.



Convém destacar ainda que o objetivo principal das tirinhas consiste no entendimento de que, conforme Eguti (2001, p.45):

[...] a narração de fatos procurando reproduzir uma conversação natural, na qual os personagens interagem face a face, expressando-se por palavras e expressões faciais e corporais. Todo o conjunto do quadrinho é responsável pela transmissão do contexto enunciativo ao leitor. Assim como na literatura, o contexto é obtido por meio de descrições detalhadas através da palavra escrita. Nas tirinhas, esse contexto é fruto da dicotomia verbal / não verbal, na qual tanto os desenhos quanto as palavras são necessárias ao entendimento da história [...]

As tirinhas que contém apenas a linguagem não verbal oportunizam situações de inferências com outros textos escritos quando os alunos interpretam e dão sentido ao que lhes é apresentado, sendo também recurso de produção oral e escrita.



Na tirinha abaixo é possível trabalhar em sala de aula as relações de dialogismo. No decorrer do diálogo percebe-se que são apresentados posicionamentos ideológicos diferentes entre as personagens através do discurso verbal.

Assim é observado que os discursos das personagens apresentam conflitos ideológicos em que a construção da identidade feminina é efetivada de maneiras diferentes, ou seja, os sujeitos como construtores sociais, interagem entre si e expõe diferentes visões de mundo.

Cabe mensurar que o contexto atual requer sujeitos conscientes das mudanças de cunho social, político e econômico que ocorrem na sociedade. Deste modo o entendimento do mundo perpaça pela compreensão leitora e o entendimento dos diferentes textos divulgados nas situações de interação social.



A construção discursiva oculta na identidade das personagens ocorre no meio das relações socioculturais, no entanto, percebe-se que são construções distintas. Observa-se que a amiguinha de Mafalda, reproduz em seu discurso algumas normas de conduta oriundas da classe dominante, apresentando traços de futilidade e pensamento machista com relação à submissão feminina, esses criticados pela Mafalda que enfatiza os conflitos da sociedade em questão. É oportuno corroborar que as tirinhas pelo caráter imagético e de certa forma conversacionais apresentam-se como um recurso didático oportuno para se trabalhar a formação leitora dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das profundas mudanças na concepção de ensino de Língua Portuguesa é necessário que se revejam as práticas de formação leitora, visto que a sociedade moderna exige pessoas capazes de pensar e resolver conflitos. Neste sentido, a escola inserida neste contexto preocupa-se em encontrar alternativas que levem o aluno a pensar criticamente e entender a realidade na qual ele está inserido.

Sabe-se que a leitura é o viés que desenvolverá a capacidade crítico-reflexivo educando. Entretanto, para que isso aconteça é preciso fazer uso de diferentes recursos didáticos que possibilitem provocar e até mesmo formar esse tipo de indivíduo

É importante ressaltar importância das tirinhas para a formação leitora, haja vista a boa aceitação que essas possuem entre os alunos, o que faz com eles se identifiquem com elas e as utilizem para se expressarem, auxiliando o desenvolvimento da autonomia no uso da oralidade e desenvolvimento da leitura.

Desta forma, educadores têm nas mãos a semente que despertará interesse para a espontaneidade criativa, além da disponibilidade para aprender e (re) fazer antigos conceitos levando-as a superar possíveis bloqueios que dificultem o processo de ensino-aprendizagem, preparando-as para serem cidadãs capazes de enfrentar desafios e participar da construção de um mundo melhor.

Assim, fica claro que as tirinhas quando utilizadas em sala de aula norteiam a prática leitora enquanto desenvolve a capacidade intelectual, crítica e reflexiva dos alunos, pois através delas seu universo leitor se expandirá fazendo com eles percebam os diferentes usos da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BACHA, M.L. **Leitura na Primeira Série.** Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1975.
263 p.

BAKHTIN, Mikhail 1999. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Fritsch Vieira. São Paulo: Hucitec.

_____. M. [1979] Estética da criação verbal. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** São Paulo: Cortez, 2005.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância.** 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil:** Teoria, Análise, Didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

EGUTI, Clarícia Akemi. **A Representatividade da oralidade nas Histórias em Quadrinhos.** São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2001. Dissertação de Mestrado.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

KLEIMAN, Angela B.; MORAES, Sílvia E. **Leitura e interdisciplinaridade:** tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Leitura, texto e sentido.** In Ler e compreender: os sentidos do texto. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

MARCUSCHI, L.A. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. Petal..(org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

OLIVEIRA, R. **Informática educativa**: dos planos e discursos à sala de aula). (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). Campinas- SP: Papyrus, 1987.

PATATI, Carlos e BRAGA, Flávio. **Almanaque dos quadrinhos**: 100 anos de uma mídia popular. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ROJO, R. (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula**: Praticando os PCNs. São Paulo: EDUC – Mercado de Letras-Comped/Inep, 2001.

SANTOS, Everton Pereira. **Trabalhando tirinhas na sala de aula**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/16983/1/trabalhando-tirinhas-na-sala-de-aula/pagina1>. >. Publicado em: 20/04/2009. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

SOARES, M. **As condições sociais da leitura**: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). **Leitura: perspectivas disciplinares**. São Paulo: Ed. Ática, 2000. p. 18-29.

VIEIRA, Adriana Silene, FERNANDES, Célia Regina Delácio, SILVA, Márcia Cabral, Martins, Milena Ribeiro. 2007. **Organização e uso da biblioteca escolar e das salas de leitura**. Fascículo 4. In: **Pró-Letramento: alfabetização e linguagem** Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica: 745.